

Karl Marx e a Tradição do Pensamento Político Ocidental

I

O Fio Partido da Tradição

Nunca foi fácil pensar e escrever sobre Karl Marx. O seu impacto nos partidos dos trabalhadores então existentes, que só recentemente tinham adquirido plenos direitos políticos e igualdade jurídica nos Estados-nação, foi imediato e profundo. Além disso, o menosprezo que o mundo académico e erudito lhe votou não durou mais do que duas décadas após a sua morte, e desde então a sua influência tem aumentado, alastrando do marxismo estrito, que já por volta dos anos vinte se tornara de alguma forma antiquado, a todo o domínio das ciências sociais e históricas. Mais recentemente, a sua influência tem sido frequentemente negada. Tal não se deve, contudo, ao facto de o pensamento de Marx e os métodos por ele introduzidos terem sido abandonados, mas por se terem tornado de tal forma axiomáticos que já ninguém se lembra da sua origem. No entanto, quando comparadas com as dificuldades com que hoje nos deparamos, as que dantes vigoravam quando lidávamos com Marx eram de natureza académica. Em certa medida, eram semelhantes às que surgiram na abordagem a Nietzsche e, em menor grau, a Kierkegaard: as altercações pró e contra eram tão virulentas, os mal-entendidos que se produziram entre eles tão ingentes, que era difícil dizer exatamente sobre o quê ou quem se estava a pensar ou a falar. No caso de Marx, as dificuldades eram, evidentemente, ainda maiores, ou não tivessem um fundo político: desde o primeiro momento que as posições pró e contra foram assimiladas pelas linhas convencionais dos partidos políticos, de modo que, para os seus partidários, quem quer que falasse a favor de Marx era considera-

do «progressista», e quem quer que falasse contra ele era considerado «reacionário».

Esta situação mudou para pior quando, com a ascensão de um partido marxista, o marxismo se tornou (ou pareceu tornar-se) a ideologia dominante de um grande poder. Parecia agora que a discussão em torno de Marx estava relacionada não só com políticas de partido, mas com políticas de poder, e não só com preocupações políticas nacionais, mas mundiais. E à medida que a figura do próprio Marx era cada vez mais arrastada para a arena política, a sua influência em intelectuais modernos atingiu novos picos: para eles, o mais importante, e não sem razão, era que, pela primeira vez, um pensador, e não um estadista ou político de sentido prático, inspirava as políticas de uma grande nação, fazendo assim com que o peso do pensamento fosse sentido em toda a esfera da atividade política. O sonho de Platão de limitar a ação política às estritas premissas do pensamento filosófico tornou-se, sem dúvida, realidade desde que a ideia de Marx de um governo justo, primeiro projetado como ditadura do proletariado, a que se seguiria uma sociedade sem classes e sem Estado, se tornou o objetivo oficial de um país e de movimentos políticos um pouco por todo o mundo. Marx alcançou, ainda que postumamente, o que Platão tentou em vão na corte de Dionísio, na Sicília¹. O marxismo e a sua influência no mundo moderno tornaram-se o que são hoje devido a esta dupla influência e representação, primeiro através dos partidos políticos das classes operárias, e depois graças à admiração dos intelectuais, não da Rússia soviética *per se*, mas devido ao facto de o bolchevismo ser, ou pretender ser, marxista.

Com efeito, neste sentido, o marxismo tanto contribuiu para esconder e obliterar a verdadeira doutrina de Marx como para propagá-la. Se quisermos saber quem foi Marx, o que pensou e de que forma se insere na tradição do pensamento político, facilmente o marxismo se apresenta sobretudo como um incómodo — mais ainda do que hegelianismo, mas não essencialmente diferente dele, ou do que qualquer outro ismo baseado nos escritos de um único autor. Através do marxismo, o próprio Marx tem sido ora enaltecido, ora culpabilizado por muitas coisas das quais ele era completamente inocente; por exemplo, durante décadas, foi ora altamente valorizado, ora profundamente atacado como o «inventor da luta de classes», da qual ele não só não era o «inventor» (não se inventam factos), como nem sequer o descobridor. Mais recentemente,

1 Arendt refere-se às viagens lendárias de Platão a Siracusa, tal como são relatadas nas Sétima e Oitava *Epístolas*. (Nota de Jerome Kohn.)

numa tentativa de se distanciarem do nome (embora dificilmente da influência) de Marx, outros têm tentado demonstrar que ele foi buscar muito aos seus precursores confessos. Esta busca de influências (por exemplo, no caso da luta de classes) chega até a ser um pouco cômica quando nos lembramos de que não era preciso ir buscar os economistas dos séculos XVIII ou XIX, ou os filósofos políticos do século XVII, para fazerem uma descoberta já presente em Aristóteles. Aristóteles definiu a essência de um regime democrático como o governo dos pobres, e a de um regime oligárquico como o governo dos ricos, e foi mesmo ao ponto de rejeitar o conteúdo dos termos tradicionais já existentes, designadamente, governo da maioria e governo da minoria. Insistiu em que um governo dos pobres fosse chamado democracia e um governo dos ricos fosse chamado oligarquia, mesmo que os ricos fossem mais numerosos do que os pobres². A importância política da luta de classes não podia ser afirmada de forma mais categórica do que quando nela se baseiam duas formas distintas de governo. E nem sequer é de Marx a responsabilidade pela promoção deste facto político e económico ao âmbito da história. Porque tal promoção já estava em curso desde que Hegel encontrou Napoleão Bonaparte, tendo visto nele «o espírito do mundo a cavalo».

Mas o desafio com o qual Marx nos confronta atualmente é muito mais sério do que estas querelas académicas sobre influências e prioridades. O facto de uma forma de dominação totalitária usar o marxismo, e aparentemente ter-se desenvolvido diretamente dele, é, evidentemente, a maior acusação alguma vez dirigida a Marx. E esta acusação não pode ser tão facilmente repudiada como as acusações de idêntica natureza dirigidas a Nietzsche, Hegel, Lutero ou Platão, entre muitos outros, que foram, num ou noutro momento, acusados de serem os antecessores do nazismo. Não obstante isso hoje ser tão convenientemente escamoteado, o facto de a versão nazi do totalitarismo ter podido desenvolver-se segundo linhas similares às da versão soviética, apesar de usar uma ideologia totalmente diferente, mostra pelo menos que Marx não pode ser acusado de ter concebido os aspetos especificamente totalitários da dominação bolchevique. Também é verdade que as interpretações às quais a sua doutrina foi sujeita, através do marxismo e do leninismo, e a transformação fundamental por Estaline tanto do marxismo como do leninismo numa ideologia totalitária, podem ser facilmente demonstradas. No entanto, não deixa de ser verdade que há uma ligação mais

2 *Política*, 1279b11-1280a3. (N. J. K.)

direta entre Marx e o bolchevismo, tal como entre este e os movimentos marxistas totalitários em países não totalitários, do que entre o nazismo e os seus pretensos predecessores.

Tornou-se moda nos últimos anos assumir-se que há uma linha de continuidade entre Marx, Lenine e Estaline, acusando-se assim Marx de ser o pai da dominação totalitária. Muito poucos daqueles que concordam com esta linha de argumentação parecem dar-se conta de que acusar Marx de totalitarismo equivale a acusar a própria tradição ocidental de ter forçosamente de desembocar na monstruosidade deste novo tipo de governo. Quem quer que ataque Marx está a atacar a tradição do pensamento ocidental; de maneira que o conservadorismo do qual muitos dos nossos novos críticos de Marx se orgulham é normalmente um equívoco tão grande como o zelo revolucionário do marxista comum. Os poucos críticos de Marx que estão cientes das raízes do seu pensamento tentaram, por isso, interpretar uma tendência especial na tradição, uma heresia ocidental que hoje em dia é por vezes apelidada de gnosticismo, evocando uma das heresias mais antigas da cristandade católica. No entanto, esta tentativa de limitar o poder destrutivo do totalitarismo através da conseqüente interpretação de que tal brotou diretamente dessa tendência na tradição ocidental está condenada ao fracasso. Não se pode restringir o pensamento de Marx ao « imanentismo », como se para que tudo pudesse ser corrigido bastasse deixarmos a utopia para outra vida e não assumirmos que tudo na terra pode ser medido e julgado por critérios terrenos. Porquanto o pensamento de Marx tem raízes muito mais fundas na tradição do que ele próprio supunha. Creio que se pode demonstrar que a linha que vai de Aristóteles a Marx apresenta não só menos quebras como quebras menos decisivas do que a linha que vai de Marx a Estaline.

O aspeto grave desta situação não reside, portanto, na facilidade com que Marx pode ser difamado, e os seus ensinamentos, tal como os seus problemas, mal interpretados. Esta questão já é, evidentemente, bastante má, uma vez que, como veremos, Marx foi o primeiro a discernir certos problemas decorrentes da revolução industrial, cuja distorção significa a perda imediata de uma fonte importante, e, possivelmente, de ajuda, para lidar com verdadeiros dilemas com os quais de forma cada vez mais urgente continuamos a confrontar-nos. Mas mais grave do que isto é o facto de Marx, ao contrário das verdadeiras e não imaginadas fontes da ideologia nazi do racismo, pertencer claramente à tradição do pensamento político ocidental. Como ideologia, o marxismo é, sem dúvida, o único elo de ligação entre a forma de governo totalitário e essa

tradição: de outro modo, qualquer tentativa de deduzir o totalitarismo diretamente de uma vertente do pensamento ocidental careceria até da aparência de plausibilidade.

Uma análise séria ao próprio Marx, por oposição à precipitada rejeição do seu nome e à muitas vezes inconsciente retenção das consequências da sua doutrina, é, portanto, de certa forma perigosa sob dois aspetos: não pode deixar de questionar certas tendências nas ciências sociais que são marxistas em tudo menos no nome e na profundidade do próprio pensamento de Marx; e tem necessariamente de examinar as verdadeiras questões e perplexidades da nossa própria tradição com as quais o próprio Marx lidou e se debateu. Por outras palavras, a análise de Marx não pode ser senão uma análise do pensamento tradicional na medida em que este seja aplicado ao mundo moderno, um mundo cuja presença pode remontar à revolução industrial, por um lado, e às revoluções políticas do século XVIII, por outro. A era moderna colocou dois problemas fundamentais ao homem moderno, independentemente dos acontecimentos políticos no sentido estrito do termo: os problemas do *labor* e da *história*. A importância do pensamento de Marx não reside nem nas suas teorias económicas nem no seu conteúdo revolucionário, mas na obstinação com que ele se agarrou a estas duas principais perplexidades.

Poder-se-ia argumentar que a continuidade da nossa tradição teria sido interrompida, no sentido em que as nossas categorias políticas tradicionais não foram concebidas para uma situação em que, pela primeira vez na nossa história, a igualdade política se alargou às classes operárias. Que Marx tenha pelo menos entrevisto este facto e sentido que uma emancipação da classe operária só seria possível num mundo radicalmente mudado é o que distingue o seu pensamento do do socialismo utópico, cujo principal defeito não consistia (como o próprio Marx acreditava) no facto de não ser científico, mas na sua assunção de que a classe operária era um grupo desfavorecido e de que a luta pela sua libertação seria uma luta por justiça social. Que as mais antigas convicções da caridade cristã evoluam para violentas paixões de justiça social é bastante compreensível numa época em que os meios para acabar com determinadas formas de miséria estavam presentes de forma tão evidente. Contudo, essas paixões estavam e estão «ultrapassadas», no sentido em que deixaram de poder ser aplicadas a um grupo social definido, mas tão-só a indivíduos. O que Marx compreendeu foi que o próprio trabalho sofrera uma mudança decisiva no mundo moderno: que se tornara não só a origem de toda a riqueza, e consequentemente a